

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: Seringueiro
 Data 06/08/87 Pg.: 18

Seringueiro dá aula em universidade

Professores e alunos de Brasília aprendem como é vida na selva amazônica

Tânia Fusco

BRASILIA — Desde o final de maio, a UnB (Universidade de Brasília) tem no campus um professor-conferencista que deixou a escola aos 18 anos, no fim do segundo ano científico. Aos 48 anos, o seringueiro Jaime da Silva Araújo não sente falta de diplomas para dar aulas a professores e alunos sobre sua experiência na selva amazônica. Foi lá que ele passou os últimos 30 anos, fazendo de tudo um pouco: foi barqueiro, canoeiro, caçador, trabalhador rural e, finalmente, seringueiro.

Doutor em selva, Jaime, que é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Novo Aripuanã, a 60 quilômetros de Manaus, ensina a UnB a entender a Amazônia, sua paixão, que quer preservar da devastação que ameaça. Contratado por três meses como professor-conferencista residente, o seringueiro inaugura na universidade uma prática pouco ortodoxa, na qual a experiência de vida vale tanto quanto os títulos acadêmicos.

Depois de Jaime, vão participar do projeto um índio do Araguaia, um líder de uma comunidade de bairro da Bahia e o frei Leonardo Boff.

— Olha, a atual política para a Amazônia é para acabar com ela: nesses dias aqui, estou entendendo por que a selva é tão maltratada. O Brasil conhece muito pouco das suas selvas — disse Jaime, depois de uma conferência de duas horas para crianças de dois a nove anos, alunos do cursinho infanto-juvenil da creche para filhos de professores e funcionários da UnB.

A piranha — Para eles, Jaime contou um conto de fadas real: a história da vida de seringueiro, com detalhes da sua rotina, equipamento de trabalho, moradia e dificuldades. Falou dos peixes e da vegetação, da beleza da vitória-régia e disse que casa de seringueiro se chama piquiri. Mas os pequenos gostaram mesmo da história da piranha preta ou gula que comeu parte do polegar direito de Jaime, quando ele lavava um tucunaré recém-fisgado no rio Jaú.

— Na selva, não temos inimigos. Temos sócios, até o avião e a piranha, que dividem a natureza e a sobrevivência com a gente — ensinou, descrevendo com carinho de amigo as características físicas das fulas.

Jaime não recebe salário e terá uma ajuda de custo, que ainda não sabe de quanto é. Come na universidade e está hospedado em casas de professores, que se revezam na função

Brasília — Luiz Antônio Ricardo



Jaime Lima agrada também às crianças

de anfitrião. Aproveitou o tempo livre entre uma e outra conferência para escrever um livro, que será editado pela UnB com o título de *A Amazônia, o seringueiro e a reserva extrativista*. Nele, Jaime, que passou 17 anos de sua vida “buscando a história da colonização da Amazônia”, conta em linguagem de caboclo desde a formação da região até os fracassos dos planos de colonização e assentamento e a devastação que eles provocam.

— É uma história e uma denúncia, a mesma coisa que estou fazendo aqui na universidade, agora, falando da gente para eles e, em troca, aprendendo novas estratégias de luta para ajudar a defender a floresta — diz Jaime, que diz ser o único sobrevivente do massacre da tribo indígena potiguar, ocorrido no dia 10 de setembro de 1939, no Rio Grande do Norte.

— Eu fui salvo pela minha avó, uma índia de 124 anos, quando nos atacaram. Como ela disse, para os brancos, que me criaram, que eu tinha dois meses de vida, comemoro meu aniversário em 10 de junho — conta Jaime, levantando a camisa para exibir na barriga uma cicatriz. “Não sei se foi de flecha ou de bala, mas é a lembrança do massacre e do meu sangue índio que me levou para a selva, do outro lado do Brasil, aos 18 anos de idade”. Jaime vivia em Cascavel, no Ceará, quando decidiu ir para a Amazônia.

Trinta anos depois, Jaime, representando 1 mil 400 seringueiros, atua como doutor na universidade. Ensina principalmente como preservar a floresta. “É fácil. Só não destruir, a pretexto de construir”, diz para as crianças e para os adultos, nas conferências que faz diariamente na UnB.